



**Proposta de retiro para o Advento 2020
para leigos, casais, equipas, famílias, comunidades**



TODOS IRMÃOS E IRMÃS

PISTAS DE ORIENTAÇÃO

- Não sendo possível realizar presencialmente o **RETIRO DO ADVENTO**, pela gravíssima situação de pandemia, partilho alguns materiais para quem quiser aproveitar, **a nível pessoal, em casal, em equipa, em família, em comunidade...**
- É importante que cada um, cada casal, cada equipa ou cada comunidade **programe antecipadamente o decorrer do dia** (ou manhã ou tarde), para ser bem aproveitado na serenidade, na interioridade e na “intimidade itinerante” com o Senhor.
- Para a Oração da **LITURGIA DAS HORAS**, escolher a Hora que mais convier (usando texto impresso ou meios digitais).
- Para a **EUCARISTIA**, procurar participar na que for possível (na comunidade ou na paróquia) ou, se tal não for possível, seguir alguma transmissão pela televisão ou Internet.
- Para a **MEDITAÇÃO PESSOAL**, anexo o «Decálogo da Fraternidade na Encíclica *Fratelli Tutti*», de Giancarlo Bregantini, Arcebispo de Campobasso-Boiano. Excelente texto para meditar e rezar... com alguma partilha em casal, em equipa ou em comunidade, para quem achar pertinente.

- Seria interessante que a meditação pessoal deste texto fosse partilhada, assumindo-se um **COMPROMISSO CONCRETO** como irmãos e irmãs na vida familiar ou comunitária, sem deixar ninguém de fora.
- A **Mensagem da CEP para o Tempo do Advento** constitui uma ótima ocasião... para ser rezada, meditada e partilhada e vivida!
- Acrescento **outros textos**, alguns já conhecidos, que podem servir para meditação pessoal.
- Incluo igualmente os **Evangelhos dos Domingos de Advento**, com alguns comentários e interpelações.
- Estas propostas não pretendem dispersar. São simples sugestões para quem quiser aproveitar para fazer retiro ao longo de um dia, de uma manhã ou de uma tarde, em **tempo de ORAÇÃO e ADORAÇÃO, de MEDITAÇÃO e CELEBRAÇÃO** da esperança e da alegria de sermos todos irmãos e irmãs em Cristo.

Manuel Barbosa , scj

texto principal para meditação

O DECÁLOGO DA FRATERNIDADE NA CARTA ENCÍCLICA *FRATELLI TUTTI*

É uma grande graça ter esta Encíclica *Fratelli tutti*, assinada no altar de São Francisco em Assis, sábado 3 de outubro. É como dizer “obrigado” pelos ensinamentos que São Francisco nos deixou, ao declarar feliz quem ama o outro, «o seu irmão, tanto quando está longe, como quando está junto de si» (FT 1).

Hoje, neste retiro, confrontemo-nos com esta mensagem, para podermos sonhar juntos um DECÁLOGO de fraternidade, precisamente à luz da Encíclica, recuperando os oito capítulos do texto: «*As sombras de um mundo fechado; um estranho no caminho; pensar e gerar um mundo aberto; um coração aberto ao mundo inteiro; a melhor política; diálogo e amizade social; percursos de um novo encontro; as religiões ao serviço da fraternidade no mundo!*».

Além disso, são significativas as referências históricas no texto. Inicia com a figura de **São Francisco de Assis**, que lhe dá o título, bem escolhido, que sustenta nas argumentações e acompanha em todo o percurso. Mas depois, conclui olhando para o **Beato Charles de Foucauld**, visto como «*irmão universal*», o qual, «*somente identificando-se com os últimos é que chegou a ser irmão de todos*» (FT 287)!

PRIMEIRO PASSO

SONHAR JUNTOS

Assim escreve o Papa: «Desejo ardentemente que, neste tempo que temos a graça de viver, reconhecendo a dignidade de cada pessoa humana, possamos fazer renascer, entre todos, um anseio mundial de fraternidade. Entre todos: “Aqui está um ótimo segredo para sonhar e tornar a nossa vida uma bela aventura. Ninguém pode enfrentar a vida isoladamente (...); precisamos duma comunidade que nos apoie, que nos auxilie e dentro da qual nos ajudemos mutuamente a olhar em frente. **Como é importante sonhar juntos!** (...) Sozinho, corre-se o risco de **ter miragens**, vendo aquilo que não existe; é juntos que se constroem os sonhos”. Sonhemos como uma única humanidade, como caminantes da mesma carne humana, como filhos desta mesma terra que nos alberga a todos, cada qual com a riqueza da sua fé ou das suas convicções, cada qual com a própria voz, mas todos irmãos»! (FT 8)

SEGUNDO PASSO

PRESTAR ATENÇÃO AOS OBSTÁCULOS

É a severa análise da nossa sociedade, envolvida por um mundo fechado, feito de sombras, porque são muitos os “sonhos” que, ao longo destas décadas do nosso século, se quebraram e não se realizaram (cf. FT 10). Sonhos que agora, deixam no terreno os cacos de tantas esperanças desvanecidas: nacionalismos, uma globalização que nos torna mais próximos, mas não irmãos, a dificuldade dos jovens de amar a história, preferindo o imediato, a dureza do presente na crise vocacional, a diversidade das gerações. E um jovem que ignora a história é facilmente domesticável, porque os poderosos querem que sejamos escravos, vazios, desenraizados e desconfiados

de tudo, fiando-nos apenas de quem manda. É assim que funcionam as ideologias, que precisam de jovens que desprezem a história (cf. FT 13).

É significativa a advertência a não construir muros recíprocos: «Também hoje, atrás das muralhas da cidade antiga está o abismo, o território do desconhecido, o deserto. O que vier de lá não é fiável, porque desconhecido, não familiar, não pertence à aldeia. Trata-se do território do que é “bárbaro”, do qual há que defender-se a todo o custo. Consequentemente, criam-se novas barreiras de autodefesa, de tal modo que deixa de haver o mundo, para existir apenas o “meu” mundo; e muitos deixam de ser considerados seres humanos com uma dignidade inalienável passando a ser apenas “os outros”. Reaparece “a tentação de fazer uma cultura dos muros, de erguer os muros, muros no coração, muros na terra, para impedir este encontro com outras culturas, com outras pessoas. E quem levanta um muro, quem constrói um muro, acabará escravo dentro dos muros que construiu, sem horizontes. Porque lhe falta esta alteridade”» (FT 27).

É decisiva **a reflexão sobre a pandemia**, que nos obrigou a repensar o facto de estarmos todos no mesmo barco: «É verdade que uma tragédia global como a pandemia da COVID-19 despertou, por algum tempo, a consciência de sermos uma comunidade mundial que viaja no mesmo barco, onde o mal de um prejudica a todos. Recordamo-nos que **ninguém se salva sozinho**, que só é possível salvar-nos juntos. Por isso, “a tempestade desmascara a nossa vulnerabilidade e deixa a descoberto as falsas e supérfluas seguranças com que construímos os nossos programas, os nossos projetos, os nossos hábitos e prioridades. (...) Com a tempestade, caiu a maquilhagem dos estereótipos com que mascaramos o nosso ‘eu’ sempre preocupado com a própria imagem; e ficou a descoberto, uma vez mais, esta (abençoada) pertença comum a que não nos podemos subtrair: a pertença como irmãos”» (FT 32).

O CORAÇÃO COMPASSIVO DO BOM SAMARITANO

Não basta estar numa comunidade ou numa família. Também Caim e Abel estavam. Mas, depois de ter matado o irmão, Caim lançava o grito do desafio: «*Sou, porventura, guarda do meu irmão?*» (Gn 4,9). Por isso, é preciso «criar uma cultura diferente, que nos conduza a superar as inimizades e cuidar uns dos outros» (FT 57).

Tal como nas outras encíclicas, o Papa coloca-nos sempre diante da **Palavra de Deus**. E o trecho que escolheu é o do **Bom Samaritano, meditado no segundo capítulo**. Atualíssimo. E ainda mais vivo, se for lido com os olhos do Papa Bergoglio, com o seu sofrimento na Argentina e à luz de outras reflexões espirituais. É uma parte que suscita logo no nosso coração esta pergunta: *De que lado estou? Com quem me identifico? Com quem se configura um casal, uma equipa, uma família, uma comunidade? Com os assaltantes? Com os viandantes? Com o samaritano?* (cf. FT 69)

A resposta nunca está garantida, porque, como esclarece o Papa, «há muitas maneiras de passar ao largo, que são complementares: uma é ensimesmar-se, (...) o desprezo dos pobres e da sua cultura» (FT 73), a indiferença do sacerdote e do levita. São homens religiosos, como talvez nós que “frequentamos” de perto os ambientes eclesiais. Não longe dos nossos comportamentos. Por isso, é mais que útil ler estas provocações: «*Havia um homem ferido no caminho. As personagens que passavam junto a ele não se concentravam no chamamento interior a fazer-se próximos, mas na sua **função**, na posição social que ocupavam, numa profissão prestigiosa na sociedade. Sentiam-se importantes para a sociedade de então, e o que mais as preocupava era **o papel** que deviam desempenhar. O homem ferido e abandonado no caminho era **um incómodo** para este projeto, uma interrupção; e tratava-se de alguém que, por sua vez, não ocupava função alguma. Era **um “ninguém”**, não pertencia a um grupo considerado notável, não tinha papel algum na construção da história. Entretanto, **o generoso samaritano** opunha-se a estas*

classificações fechadas, embora ele mesmo estivesse fora de qualquer uma destas categorias, sendo simplesmente um estranho sem um lugar próprio na sociedade. Assim, livre de todas as etiquetas e estruturas, foi capaz de interromper a sua viagem, mudar os seus programas, estar disponível para se abrir à surpresa do homem ferido que precisava dele» (FT 101).

Como não ver nesta leitura a descrição de muitas das nossas realidades clericais, e tantas vezes nos movimentos (também de pastoral familiar) e nas instituições eclesiais, em que a função leva a melhor sobre a pessoa, em que o papel domina, em que as coisas a fazer são mais preciosas que as pessoas?! Pelo contrário, só quem é pobre, quem passou pela marginalidade e é um estranho compreende quem está a passar por isso. Ele, o Samaritano desprezado, para; só ele se coloca a ajudar o outro! Muitas vezes são precisamente os irmãos e as irmãs mais velhos que nos dão o exemplo mais heroico. Quem sofreu mais, é quem para e pergunta por ti.

QUARTO PASSO

PENSAR E GERAR UM MUNDO ABERTO

À luz da Palavra de Deus, tão vigorosamente meditada, o Papa Francisco pode agora entrar num discurso cultural decisivo, concretíssimo, para nos ajudar a **pensar e a gerar um mundo aberto**. Em clara contraposição com aquela lógica de fechamento, fruto do medo, que tinha analisado no primeiro capítulo. Assim, se a palavra-chave para o segundo capítulo era a de estar próximo, fazer-se *próximo*, agora é a de **olhar para além** das coisas que se veem. Ser introspetivos e ter um olhar de longo alcance, como que num «êxtase», ou seja, esse «*sair de si mesmo para encontrar nos outros um acrescentamento de ser*» (FT 88). Assim se gera a **amizade social**. Vencendo o racismo e a mentalidade xenófoba, acolheremos as pessoas com deficiência, como já estamos a fazer em várias comunidades cristãs e religiosas, vivendo num mundo a cores e não

nos tons cinzentos do medo, levando as crianças a sonhar com a alegria de um mundo novo, ou então acompanhando os idosos numa velhice serena. Não basta sentir-se «**sócios**», **mas devemos viver como irmãos e irmãs!** Ser sócios é uma relação imperfeita, muito embora útil, na medida em que «permite consolidar os benefícios pessoais». Mas a palavra «próximo» adquire, pelo contrário, o seu significado de gratuidade relacional, enquanto plenitude de relações sociais, muito além dos interesses diretos específicos (cf. FT 102).

Com efeito, a fraternidade supera todos os confins, gera relações que ultrapassam o meu e o teu, para criar o «*nosso*»! Isso torna-se decisivo diante da **propriedade pessoal**. O Papa Francisco (como de resto também os seus predecessores, em tantas declarações!) não a nega. Mas atribui-lhe uma função maior e mais vasta. Se temos propriedades e bens, não é para tirar partido deles sozinhos. Mas para os preservar com cuidado, para alegria de todos, para o bem-estar universal e não privativo. A função social da propriedade tem prevalência sobre a privada! E não apenas dentro de um Estado, mas também para um mundo sem fronteiras, em que os bens da terra devem estar ao alcance de todos, também de quem vem de fora, de outras nações, de outras terras. Escreve a este propósito o Papa: «*O direito de alguns à liberdade de empresa ou de mercado não pode estar acima dos direitos dos povos e da dignidade dos pobres; nem acima do respeito pelo ambiente, pois “quem possui uma parte é apenas para a administrar em benefício de todos”*» (FT 122).

É o máximo da beleza e da atualidade do conselho evangélico de pobreza, ligado aos conselhos de castidade e de obediência, que são para todos os discípulos de Jesus Cristo, vividos no âmbito particular de cada vocação. Os três conselhos são já um sinal deste ato de gerar um mundo aberto, novo, feito de esperança, noutra LÓGICA (cf. FT 127) que funda outra humanidade, porque é possível desejar outro planeta que garanta as três coisas grandes e decisivas: **terra, casa e trabalho para todos!**

QUINTO PASSO

A FORMAÇÃO PARA A FRATERNIDADE

É necessário **educar para o horizonte universal, partindo das próprias raízes**. No quarto capítulo, o Papa Francisco delinea um coração aberto ao mundo inteiro. Ou seja, **educar ao universal, mas amando cordialmente as raízes de cada um!** Amar o nosso carisma, sem perder a estima pelo carisma da congregação ao lado. A carne do próximo torna-se sempre concreta. Mas ao mesmo tempo, sentimos que deve ser enxertada num coração cada vez maior. É um capítulo de grande sabedoria educativa, porque sabe intervir tanto ao nível global das relações como na dimensão local dos vínculos. Universal e global, numa trama já delineada na sua *Evangelii gaudium*. Se, com efeito, a fraternidade estiver privada de uma das duas dimensões, empobrece-se e fecha-se ou esvazia-se (cf. FT 142). Os dons são recíprocos, feitos para o nosso crescimento, comuns, de todos e para todos. Como aconteceu no célebre encontro do Papa Francisco com o Imã, que continua a ser o acontecimento orientador para toda a encíclica. Decisivo para o ministério do Papa Francisco, como foi para São Francisco o encontro como Sultão Malik-al-Kamil, no Egito, em 1219. Fio condutor do nosso trabalho, referência direta e indireta deste imenso “**sonho**”. Escreve o Papa Francisco na encíclica: «Numa perspetiva mais ampla, eu e o Grande Imã Ahmad Al-Tayyeb lembrámo-nos que “o relacionamento entre Ocidente e Oriente é uma necessidade mútua indiscutível, que não pode ser comutada nem transcurada, para que ambos se possam enriquecer mutuamente com a civilização do outro através da troca e do diálogo das culturas» (FT 136). «**Hoje, ou nos salvamos todos ou não se salva ninguém**» (FT 137). Numa lógica de «gratuidade», pela qual se acolhe o estrangeiro, «mesmo que não traga de imediato benefícios palpáveis; mas há países que pretendem receber apenas cientistas ou investidores» (FT 139). E acrescenta, como um verdadeiro mestre: «É

preciso olhar para o global, que nos resgata da mesquinhez caseira. Quando a casa deixa de ser lar para se tornar confinamento, calabouço, resgata-nos o global, porque é como a causa final que nos atrai para a plenitude. Ao mesmo tempo temos de assumir intimamente o local, pois tem algo que o global não possui: ser fermento, enriquecer, colocar em marcha mecanismos de subsidiariedade. Portanto, a fraternidade universal e a amizade social dentro de cada sociedade são dois polos inseparáveis e ambos essenciais. Separá-los leva a uma deformação e a uma polarização nociva» (FT 142).

SEXTO PASSO

AMAR A POLÍTICA, como a estalagem do Samaritano

É oportuno analisar desde logo duas imagens que estão presentes no texto: a estalagem e a ponte. **A estalagem do samaritano** (cf. FT 165) é comparável ao serviço que a política apresenta à caridade do samaritano. Como que a dizer-nos que a caridade, quando é bem orientada e vivida em plenitude, precisa necessariamente de uma estalagem, ou seja, de estruturas jurídicas, sociais e políticas, capazes de dar estabilidade ao que se faz a nível de caridade e de cuidados, e de lhe conferir um carácter interpessoal para o tornar fecundo e ativo. Uma estalagem amada e eficaz, viva e concreta! Num «amor que integra e reúne» (FT 190). Trata-se de uma estalagem que pode e deve ser, sobretudo, o mundo jurídico a construir. Depois, outra **imagem**, muito eficaz, utilizada para explicar a necessidade e a beleza da política é a da **ponte**, que o Papa nos oferece, quando escreve: «*É caridade acompanhar uma pessoa que sofre, mas é caridade também tudo o que se realiza – mesmo sem ter contacto direto com essa pessoa – para modificar as condições sociais que provocam o seu sofrimento. Alguém ajuda um idoso a atravessar um rio, e isto é caridade primorosa; mas **o político constrói-lhe uma ponte, e isto***

também é caridade. É caridade se alguém ajuda outra pessoa fornecendo-lhe comida, mas o político cria-lhe um emprego, exercendo uma forma sublime de caridade que enobrece a sua ação política» (FT 186).

De modo particular, mesmo como religiosos, é necessário internalizar **a noção de povo e a promoção do trabalho dos jovens**. Ou seja, *«pertencer a um povo é fazer parte duma identidade comum, formada por vínculos sociais e culturais»* (FT 158). Devemos levar a peito **a promoção e a defesa do trabalho**, «garantir a todos a possibilidade de fazer germinar as sementes que Deus colocou em cada um» (FT 162). Não é necessário o assistencialismo, com dinheiro. O que é preciso é permitir que os pobres tenham uma vida **digna** por meio do trabalho, porque *«o trabalho é uma dimensão essencial da vida social, porque não é só um modo de ganhar o pão, mas também um meio para o crescimento pessoal, para estabelecer relações sadias, expressar-se a si próprio, partilhar dons, sentir-se corresponsável no desenvolvimento do mundo e, finalmente, viver como povo»* (FT 162)!

É comovente este número, a evidenciar todas as potencialidades que tem o trabalho. Pensemos nele, dialogando e discutindo com um grupo de jovens à procura do seu lugar na sociedade!

SÉTIMO PASSO

PERMANECER SEMPRE EM DIÁLOGO

Para este passo, bastante precioso, talvez seja suficiente ler juntos nas nossas equipas, famílias e comunidades o número sobre **amabilidade**: *«A amabilidade é uma libertação da crueldade que às vezes penetra nas relações humanas, da ansiedade que não nos deixa pensar nos outros, da urgência distraída que ignora que os outros também têm direito de ser felizes. Hoje, raramente se encontram tempo e energias disponíveis para se demorar a tratar bem os outros,*

*para dizer «com licença», «desculpe», «obrigado». Contudo, de vez em quando verifica-se o milagre duma pessoa amável, que deixa de lado as suas preocupações e urgências para prestar atenção, oferecer um sorriso, dizer uma palavra de estímulo, possibilitar um espaço de escuta no meio de tanta indiferença. Este esforço, vivido dia a dia, é capaz de criar aquela convivência sadia que vence as incompreensões e evita os conflitos. O exercício da amabilidade não é um detalhe insignificante nem uma atitude superficial ou burguesa. Dado que pressupõe estima e respeito, quando se torna cultura numa sociedade, **transforma profundamente o estilo de vida**, as relações sociais, o modo de debater e confrontar as ideias. Facilita a busca de consensos e abre caminhos onde a exasperação destrói todas as pontes» (FT 224).*

OITAVO PASSO

O PERDÃO, COSTRUINDO PERCURSOS DE PAZ

Nunca mais a guerra e nunca mais a pena de morte! É o grito que o Papa Francisco eleva quando descreve os percursos de paz, para ser artífices e arquitetos de paz, condição necessária para a fraternidade. Com certeza, baseando estes percursos na verdade, criando e reforçando o sentido de pertença, construindo escolhas de perdão eficazes, preservando **a memória** (cf. FT 246) em sentido positivo e não destrutivo. Então, nunca esquecer o Holocausto (a Shoah), nem os bombardeamentos de Hiroshima e Nagasaki, para realizar percursos de reconciliação da memória, aprendendo, sobretudo, com a África do Sul (cf. FT 229). *«O perdão é precisamente o que permite buscar a justiça sem cair no círculo vicioso da vingança nem na injustiça do esquecimento»* (FT 252)! Só então poderemos acolher o apelo do não à GUERRA, de modo absoluto e total (cf. FT 255). E grita com força, com Paulo VI na ONU: **«Nunca mais a guerra!», porque «a guerra é um fracasso da política e da humanidade, uma rendição**

vergonhosa, uma derrota perante as forças do mal» (FT 261). – Dura é também a condenação da **PENA DE MORTE**: *«É inadequada no plano moral e já não é necessária no plano penal. (...) É inadmissível»* (FT 263). É clara também a condenação da própria **prisão perpétua**, com a escrita horrível: *«fim da pena, nunca!»*. É definida como **«uma pena de morte escondida»** (FT 268). Efetivamente, Jesus tinha-nos advertido severamente: *«Mete a tua espada na bainha, pois todos quantos se servirem da espada morrerão à espada»* (Mt 26,52).

NONO PASSO

A PATERNIDADE DE DEUS

As religiões ao serviço da fraternidade no mundo, para afirmar que *«como crentes, pensamos que, sem uma abertura ao Pai de todos, não pode haver razões sólidas e estáveis para o apelo à fraternidade. Estamos convencidos de que “só com esta consciência de filhos que não são órfãos podemos viver em paz entre nós”. Com efeito, “a razão, por si só, é capaz de ver a igualdade entre os homens e estabelecer uma convivência cívica entre eles, mas não consegue fundar a fraternidade”»* (FT 272). Deus constitui-se assim como garante dos direitos de cada homem, certeza para a construção de uma fraternidade sólida e ampla. *“Por estas razões – afirma o Papa –, embora a Igreja respeite a autonomia da política, não relega a sua própria missão para a esfera do privado. Pelo contrário, não pode nem deve ficar à margem na construção de um mundo melhor nem deixar de “despertar as forças espirituais”. A Igreja tem um papel público»* (FT 276). *Tal como Maria, deseja dar à luz um mundo justo e fraterno, semeia pontes e lança sementes de reconciliação.*

Ai de nós se faltasse o canto do Evangelho. De forma extraordinária e com muita poesia, ensina o Papa: *«Todavia, como cristãos, não podemos esconder que, “se a música do Evangelho parar de vibrar nas nossas entranhas, perderemos a alegria que brota da compaixão,*

a ternura que nasce da confiança, a capacidade da reconciliação que encontra a sua fonte no facto de nos sabermos sempre perdoados-enviados. Se a música do Evangelho cessar de repercutir nas nossas casas, nas nossas praças, nos postos de trabalho, na política e na economia, teremos extinguido a melodia que nos desafiava a lutar pela dignidade de todo o homem e mulher”. Outros bebem doutras fontes. Para nós, este manancial de dignidade humana e fraternidade está no Evangelho de Jesus Cristo. Dele brota, “para o pensamento cristão e para a ação da Igreja, o primado reservado à relação, ao encontro com o mistério sagrado do outro, à comunhão universal com a humanidade inteira, como vocação de todos”» (FT 277).

DÉCIMO PASSO

O MÉTODO CONCLUSIVO

Como conclusão, só nos resta acolher o maravilhoso APELO lançado no encontro fraterno entre o Papa Francisco e Grande Imã Ahmad Al-Tayyeb, feito em nome de Deus, da alma humana inocente, dos pobres, dos órfãos, dos povos, da fraternidade humana, da liberdade e da justiça, onde declararam «*adotar a cultura do diálogo como CAMINHO; a colaboração comum como CONDUTA; o conhecimento mútuo como MÉTODO e CRITÉRIO*» (FT 285).

Obrigado a todos, vosso
Padre Giancarlo Bregantini

[www.arcidiocesicampobasso.it]

Tradução: Ricardo Freire, scj
Pequenas adaptações: Manuel Barbosa, scj

texto para rezar e meditar

Deus vem e enche o nosso tempo de “Bom-Dia”!

Mensagem da Conferência Episcopal Portuguesa para o Advento

1. Advento. Deus vem. Deus vem, Deus saúda, Deus fala, Deus ama, Deus chama, Deus ordena, Deus escuta, Deus responde, Deus envia. Advento. Sujeito Deus. Primeiro Deus. O Deus do Advento, o Deus que Vem traz consigo uma grande carga verbal, que convém que se torne “viral” na nossa vida. Imitação de Deus. Deus que vem para nos dizer “Bom-Dia!”, que é o modo de fazer do Senhor Ressuscitado quando se apresenta no meio de nós, e diz: “*Shalôm!*”, “A Paz convosco!”.

2. Esta Saudação, este *Shalôm*, esta Paz, este “Bom-Dia”, que ressoa desde a Criação, entra em nós, enche-nos de Bondade e de Alegria, e faz-nos encontrar um modo novo de encarar a vida. Esta Saudação, este *Shalôm*, esta Paz, este “Bom-Dia”, estabelece connosco uma relação nova e boa, não nos transmite uma informação, não tem em vista um negócio, não solicita a nossa reflexão ou decisão. Não nos deixa a pensar, a escolher, a decidir. Apenas a *responder*. Apeia-nos, portanto, do pedestal do nosso “eu” patronal: eu penso, eu quero, eu decido, eu, eu, eu..., e deixa-nos apenas a *responder*. Apenas.

Como se *responder* fosse coisa pouca. *Responder* ao Senhor da nossa vida. Ao “Bom-Dia” *responde-se* “Bom-Dia”. É a Bondade sete vezes dita na Criação, o Sentido da Criação e da Vida a passar de mão em mão, rosto a rosto, coração a coração. Do coração de Deus para o nosso coração. Dos nossos corações uns para os outros. Avenida ou torrente de Bondade e de Fraternidade. Advento. Deus vem e enche o nosso tempo de “Bom-Dia”!

3. Quando alguém te diz: “Bom-Dia!”, já sabes então o que isso significa, implica, replica, multiplica. Imagina agora que à beira da estrada encontras um pobre homem caído, abandonado, a esvair-se em sangue. Ao ver-te passar, balbucia para ti, ou apenas acende uma voz dentro de ti, que te diz, mesmo sem o dizer: “Olha para mim”, “olha por mim”, “cuida de mim”. Repara bem que o pobre não te diz: “Se quiseres, podes cuidar de mim”. Se assim fosse, podias pensar e decidir, sem precisares de descer do trono da tua sacrossanta liberdade de escolha. Mas o “cuida de mim” que o pobre balbucia para ti não é opcional: é uma súplica que é um mandamento; não tens opção de escolha; tu é que foste escolhido; tens de *responder* que sim, debruçando-te sobre o pobre desvalido que ordena e implora o teu auxílio. Repara bem: o pobre que jaz à beira da estrada elege-te e obriga-te, sem te obrigar, a debruçares-te sobre ele. Movimento inaudito: agora que te debruçaste sobre ele, que ordenou e implorou o teu auxílio, podes entender melhor a sua condição de soberano. Ele é, na verdade, o único verdadeiro soberano, pois sem te apontar nenhuma espingarda

ou maço de dinheiro, fez com que tu te debruçasses sobre ele, libertando-te dos teus projetos e negócios, horários, agendas, calendários. Os poderosos e tiranos podem e sabem apenas escravizar-te. Mas não podem nem sabem libertar-te!

4. Por isso, o Deus que vem agora visitar-nos confunde-se com os pequeninos (cf. Mateus 25,40.45), e neles vem amorosamente ao nosso encontro, para conversar connosco, para nos dizer “Bom-Dia”, e ordenar suplicando: “Cuida de mim”. Estava atento Isaías, o profeta do Advento, que ouve Deus a dizer assim: «em lugar alto e santo Eu habito, mas estou também com os oprimidos e humilhados, para dar vida e alento aos que não têm espaço nem sequer para respirar, aos que têm o coração despedaçado» (Isaías 57,15). Bem podia o profeta dizer que Deus desceu à nossa pandemia. E nós, os habitantes da pandemia, bem podemos rever-nos no Salmista que reza: «Do “confinamento” invoquei o Senhor» (Salmo 118,5), chegando-nos a resposta outra vez através de Isaías: «No tempo favorável te respondi; no dia da salvação te socorri» (Isaías 49,8), resposta que Paulo também regista, atualiza e pontualiza: «É *agora* o tempo favorável! É *agora* o dia da salvação!» (2 Coríntios 6,2).

5. O andamento do Advento traz-nos um Deus que vem para o meio de nós e da nossa anemia e pandemia, e diz: “Bom-Dia”, e suplicando ordena: “Cuida de mim”. É terrível termos de assumir que, se não cuidamos bem dos pobres e necessitados, também não cuidamos bem de Deus! Mas é *agora* o tempo

favorável! É *agora* o dia da salvação! É agora o tempo da enchente da Palavra de Deus, de que não devemos fugir, mas a que nos devemos expor. O nosso “eu” patronal e autorreferencial entrará em crise, e teremos de mudar comportamentos. Acolher e responder deve ser o nosso alimento. O Deus que vem não vem mudar as situações. Vem mudar os corações. E são os nossos corações mudados que podem mudar as situações. O Advento é tempo de mudança e de esperança. Celebrar o Advento é deixar entrar em nós esta torrente de Bondade, esta Saudação, este *Shalôm*, esta Paz, este “Bom-Dia”, este “Cuida de mim”. E responder “Bom-Dia!”, e responder que “Sim”.

6. Sim, porque a resposta de Deus hoje somos nós. «Desci a fim de libertar o meu povo da mão dos egípcios...», diz Deus a Moisés, mas pega logo em Moisés pela mão, e diz-lhe: «E agora vai; Eu te envio ao Faraó, e faz sair do Egito o meu povo» (Êxodo 3,8.10). Texto grandioso e emblemático. O Deus do Advento vem para o meio desta pandemia, pega na nossa mão, muda o nosso coração e envia-nos a mudar a situação. Está aberta a oficina do Advento: enquanto uns se afadigam na vacina, outros nos hospitais, outros nos lares, nas farmácias, na padaria, empenhemo-nos todos em encher este mundo de Paz, de Esperança e de “Bom-Dia”, à imagem e sob a proteção maternal de Maria!

Lisboa, 22 de novembro de 2020

1 andamos à procura de Deus... ...ou é Deus que nos procura?

O pobre velho, cansado da vida e das desilusões, sentou-se junto de uma rocha, à beira do caminho.

Passara a vida à procura de Deus e ali estava, desiludido, com a sensação amarga de O não ter encontrado.

Tinham-lhe dito que Deus nunca nos abandona, que segue sempre ao nosso lado e faz connosco a mesma caminhada.

Mas a verdade é que a sua vida estava no fim e de Deus nem sinais.

Estava ele entregue a este abandono, quando viu aproximar-se um rebanho de ovelhas. Atrás lá vinha o pastor com o seu bordão e a sua fama. Alegre e despreocupado como se não houvesse mal no mundo. Falaram das noites frias e dos dias de inverno, da vida dura entre as fragas e da falta de companhia nos silêncios da montanha. E de Deus que nos abandona ao sol e ao vento.

Mas o pastor não estava de acordo. Há pastores que vão à frente do rebanho, outros, atrás. As ovelhas sentem a sua presença e sentem-se defendidas e protegidas. Acontece o mesmo com Deus. Nós nem sempre o vemos mas sentimos a sua presença e isso conforta-nos.

E o pastor lá seguiu com a sua flauta e a sua paz de coração.

Algum tempo depois, ali chegaram três mulheres que vinham buscar água à fonte mais próxima. A mesma conversa, a mesma queixa do nosso peregrino.

«Olhe para trás - disse-lhe uma delas - Deus segue sempre os nossos passos. Ele é um pouco o cireneu que conserta o que fazemos mal».

«Para mim - disse outra - Deus orienta-me a partir de cima. Ele é como o sol que me ilumina, o teto que me cobre».

A terceira sentenciou: «Para mim, Deus está cá dentro. Sinto-O dentro de mim, no mais fundo do meu ser. Nem preciso de olhar para O ver».

O nosso homem ficou pensativo, convencido de que todos tinham o seu caminho para encontrar Deus. Só ele, por mais esforços que fizesse, não conseguia encontrar.

Decidido, levantou-se e, com passo firme, dirigiu-se para um famoso convento de monges que ficava no topo da montanha. Ali pediu para falar com o monge mais simples, aquele que tivesse o cargo mais modesto na comunidade.

Mandaram-no ir ter com o cozinheiro. Mas o frade desfez-se em desculpas:

«Bem vê, senhor, eu não tenho estudos, fui cozinheiro toda a vida, não sei nada das coisas de Deus. É melhor falar com o abade ou o irmão Hermógenes, que é mestre de teologia e faz conferências».

Mas o homem não foi no discurso. «Não, quero que seja o irmão a dizer-me como se pode encontrar Deus» - suplicou o visitante.

«Ó meu senhor, replicou o cozinheiro, eu acho que nunca é preciso procurar Deus, Ele é que nos procura a nós. E a falar verdade, não tenho muita cabeça para pensar n'Ele; sinto que Ele está comigo na cozinha e que me dá uma mãozinha para eu não fazer muita asneira. Sem Ele, eu não saberia cozinhar».

E o nosso homem compreendeu o seu próprio erro. Até ali, ele andara a jogar às escondidas com Deus. Afinal, ele não andara à procura de Deus mas a fugir d'Ele. Precisava mesmo de se calar para dar pela presença de Deus e escutar o que Ele tinha para lhe dizer.

[parábola adaptada de Alfonso Francia]



Deixa que Deus te procure e encontre...

- **em todo o teu ser, nas tuas alegrias e angústias...**
- **nos encontros e desencontros em casal, em família, em comunidade...**
- **nas frescuras e securas das tuas atividades profissionais e pastorais...**

Deixa um momento as tuas ocupações habituais, ó homem,
entra um instante em ti mesmo,
longe do tumulto dos teus pensamentos.
Põe de parte os cuidados que te apoquentam
e liberta-te agora das inquietações que te absorvem.
Entrega-te uns momentos a Deus;
descansa por algum tempo em sua presença.

Entra no íntimo da tua alma;
remove tudo, exceto Deus e o que te possa ajudar a procurá-l'O.
Encerra as portas da tua habitação e procura-O no silêncio.
Diz a Deus, de todo o coração:
Procuro o vosso rosto; o vosso rosto, Senhor, eu procuro.

E agora, Senhor meu Deus,
ensinai ao meu coração aonde e como hei de buscar-Vos,
aonde e como poderei encontrar-Vos.

Senhor, se não estais aqui, se estais ausente,
onde Vos procurarei?
Mas se estais em toda a parte,
porque não Vos encontro aqui presente?
É certo que habitais numa luz inacessível.
Mas onde está essa luz inacessível?
Como terei acesso a ela, se é inacessível?
Quem me conduzirá e introduzirá nessa luz,
para que nela Vos possa contemplar?
Com que sinais, com que aspeto Vos devo procurar?
Nunca Vos vi, Senhor meu Deus; não conheço o vosso rosto.

Que fará, altíssimo Senhor, que fará este desterrado,
tão longe de Vós?

Que fará este vosso servo, sedento do vosso amor,
mas tão longe da vossa presença?

Anela contemplar-Vos, mas o vosso rosto está tão longe dele.
Deseja aproximar-se de Vós, mas a vossa morada é inacessível.
Deseja encontrar-Vos e ignora onde habitais.
Suspira por encontrar-Vos, mas desconhece o vosso rosto.

Senhor, sois o meu Deus, sois o meu Senhor e nunca Vos vi.
Vós me criastes e redimistes,
concedestes-me todos os bens que possuo e ainda não Vos conheço.
Fui criado para Vos ver e não atingi ainda o fim para que fui criado.

Então, Senhor, até quando?

Até quando, Senhor, Vos esqueceréis de mim?

Até quando escondereis de nós o vosso rosto?

Quando voltareis para nós o vosso olhar e nos escutareis?

Quando iluminareis os nossos olhos e nos mostrareis o vosso rosto?

Quando Vos comunicareis a nós?

Olhai, Senhor, para nós;

ouvi-nos, iluminai-nos, manifestai-Vos a nós.

Vinde morar connosco e seremos felizes;

sem isso, passaremos muito mal.

Tende compaixão dos nossos trabalhos e esforços para Vos alcançar,
porque sem Vós nada podemos.

Ensinaí-me a procurar-Vos e mostrai-me o vosso rosto;
porque não posso procurar-Vos, se não mo ensinais.

Não posso encontrar-Vos, se não Vos mostrais.

Desejando Vos procurarei, e procurando Vos desejarei;
amando Vos encontrarei, e encontrando Vos amarei.

[Ofício de Leituras, Sexta-feira da Semana I do Advento]

Arranca gemidos do meu coração.

Há gemidos ocultos da alma,
que não podem ser ouvidos por ninguém.

Mas se a veemência do desejo que se apodera do coração é tão forte
que o sofrimento interior termina por se exprimir com voz clara,
então procura-se a causa.

Quem ouve, pensa para si:

Talvez gema por isto; ou talvez foi aquilo que sucedeu.

Mas quem poderá sabê-lo senão Aquele
a cuja vista e ouvidos se elevam os gemidos?

Por isso diz: *Arrancava gemidos do meu coração.*

Porque os homens, se acaso param a escutar os gemidos de alguém,
só escutam a maior parte das vezes os gemidos exteriores
e não se apercebem dos gemidos do coração.

E quem seria capaz de compreender a causa dos gemidos?

Escuta o que diz:

Diante de Vós, Senhor, estão os meus desejos.

Não estão diante dos homens, que não podem ver o coração,
mas *diante de Vós, Senhor, estão os meus desejos.*

Esteja o teu desejo sempre na sua presença;
e o Pai, que vê os segredos mais íntimos da alma, te atenderá.

O teu desejo é a tua oração.

Se o teu desejo for contínuo, contínua será também a tua oração.

Não foi em vão que disse o Apóstolo: *Orai sem cessar.*

Será preciso, então, estar continuamente de joelhos, prostrados,
de mãos erguidas, para obedecer a este preceito: *Orai sem cessar?*

Se é isto que entendemos por orar,
julgo que não podemos orar sem cessar.

Existe, porém, outra oração interior e contínua, que é o desejo.
Ainda que faças qualquer outra coisa,
se desejas aquele repouso sabático em Deus,
não interrompes a oração.
Se não queres interromper a oração, não interrompas o desejo.

Se o teu desejo é contínuo, é contínua a tua voz.

Calar-te-ás se deixares de amar.

Quem é que se cala?

Aqueles de quem foi dito:

Pela abundância da iniquidade resfriará a caridade de muitos.

A frieza na caridade é a mudez no coração;

o fervor na caridade é o clamor do coração.

Se a caridade permanece sempre, clamas sempre;

se clamas sempre, sempre desejas;

se desejas, recordas-te daquele repouso.

Diante de Vós, Senhor, estão os meus desejos.

Que sucederá, se diante de Deus está o desejo e não o gemido?

Mas como sucederá tal coisa, se o gemido é a voz do desejo?

Por isso se acrescenta:

Não Vos são ocultos os meus gemidos.

Não é oculto para Vós o meu gemido; mas é-o para muitos homens.

Por vezes, o humilde servo de Deus parece dizer:

Não Vos são ocultos os meus gemidos.

Mas outras vezes, parece também sorrir o servo de Deus.

Será porque aquele desejo morreu no seu coração?

A verdade é que, se permanece o desejo

permanece também o gemido.

Nem sempre ele chega aos ouvidos dos homens,

mas nunca deixa de chegar aos ouvidos de Deus.

[Ofício de Leituras, Sexta-feira da Semana III do Advento]

Oração ao Criador

Senhor e Pai da humanidade,
que criastes todos os seres humanos com a mesma dignidade,
infundi nos nossos corações um espírito de irmãos.
Inspirai-nos o sonho de um novo encontro,
de diálogo, de justiça e de paz.
Estimulai-nos a criar sociedades mais sadias e um mundo mais digno,
sem fome, sem pobreza, sem violência, sem guerras.

Que o nosso coração se abra a todos os povos e nações da terra,
para reconhecer o bem e a beleza que semeastes em cada um deles,
para estabelecer laços de unidade, de projetos comuns,
de esperanças compartilhadas. Ámen.

Oração cristã ecuménica

Deus nosso, Trindade de amor,
a partir da poderosa comunhão da vossa intimidade divina
infundi no meio de nós o rio do amor fraterno.
Dai-nos o amor que transparecia nos gestos de Jesus,
na sua família de Nazaré e na primeira comunidade cristã.
Concedei-nos, a nós cristãos, que vivamos o Evangelho
e reconheçamos Cristo em cada ser humano,
para O vermos crucificado nas angústias dos abandonados
e dos esquecidos deste mundo
e ressuscitado em cada irmão que se levanta.

Vinde, Espírito Santo!

Mostrai-nos a vossa beleza refletida em todos os povos da terra,
para descobrirmos que todos são importantes,
que todos são necessários, que são rostos diferentes
da mesma humanidade amada por Deus. Ámen.

Evangelhos dos Domingos do Advento

Ano B - Domingo I - Marcos 13, 33-37

Naquele tempo, disse Jesus aos seus discípulos:

"Acautelai-vos e vigiai,

porque não sabeis quando chegará o momento.

Será como um homem que partiu de viagem:

ao deixar a sua casa, deu plenos poderes aos seus servos,

atribuindo a cada um a sua tarefa,

e mandou ao porteiro que vigiasse.

Vigiai, portanto, visto que não sabeis quando virá o dono da casa:

se à tarde, se à meia-noite,

se ao cantar do galo, se de manhãzinha;

não se dê o caso que, vindo inesperadamente,

vos encontre a dormir.

O que vos digo a vós, digo-o a todos: Vigiai!"

- ♦ O Evangelho coloca-nos diante de uma certeza fundamental: “o Senhor vem”.

A nossa caminhada humana não é um avançar sem sentido ao encontro do nada, mas uma caminhada feita na alegria ao encontro do Senhor que vem.

Não se trata de uma vaga esperança, mas de uma certeza baseada na palavra infalível de Jesus.

O tempo de Advento recorda-nos a realidade do Senhor que vem ao nosso encontro e que, no final da nossa caminhada por esta terra, nos oferecerá a vida definitiva, a felicidade sem fim.

- ♦ O tempo do Advento é, também, o tempo da espera do Senhor. O Evangelho diz-nos como deve ser essa espera...

A palavra mágica é “vigilância”: o verdadeiro discípulo deve estar sempre “vigilante”, cumprindo com coragem e determinação a missão que Deus lhe confiou.

Estar “vigilante” não significa, contudo, preocupar-se em ter sempre a “alminha” limpa para que a morte não o apanhe com pecados por perdoar...

Mas significa viver sempre ativo, empenhado, comprometido na construção de um mundo de vida, de amor e de paz.

Significa cumprir, com coerência e sem meias tintas, os compromissos assumidos no dia do batismo e ser um sinal vivo do amor e da bondade de Deus no mundo.

É dessa forma que eu tenho procurado viver?

- ◆ Em concreto, estar “vigilante” significa não viver de braços cruzados, fechado num mundo de alienação e de egoísmo, deixando que sejam os outros a tomar as decisões e a escolher os valores que devem governar a humanidade...

Significa não me demitir das minhas responsabilidades e da missão que Deus me confiou quando me chamou à existência...

Estar “vigilante” é ser uma voz ativa e questionante no meio das pessoas, levando-as a confrontarem-se com os valores do Evangelho...

Estar “vigilante” é lutar de forma decidida e corajosa contra a mentira, o egoísmo, a injustiça, tudo aquilo que rouba a vida e a felicidade a qualquer irmão que caminhe ao meu lado...

Como me situo face a isto?

- ◆ O Evangelho recomenda especialmente a “vigilância” aos “porteiros” da comunidade, a todos aqueles a quem é confiado o serviço de proteger a comunidade de invasões estranhas.

Todos nós a quem foi confiado esse serviço, sentimos o imperativo de cuidar com amor dos irmãos que Deus nos confiou, ou demitimo-nos das nossas responsabilidades e deixamos que o comodismo e a preguiça nos dominem?

Quais são os nossos critérios, na filtragem dos valores: os nossos interesses e perspetivas pessoais, ou o Evangelho de Jesus?

Como viver o Advento?

Neste **PRIMEIRO DOMINGO DO ADVENTO** iniciamos o ciclo litúrgico do Ano B.

Vinda e Vigília: estas duas palavras são muito usadas na liturgia do Advento, em particular neste domingo, a exigir atitudes novas.

O tempo do Advento quer sensibilizar-nos para esta vinda. A dimensão escatológica, da nossa vida iluminada pelo sentido da comunhão plena com Deus, marca toda a vida cristã.

O apelo que Cristo nos lança à vigilância é para ser tomado bem a sério, na celebração e na vida quotidiana, para que o Senhor não nos encontre a dormir ou adormecidos.

Como podemos acolher da liturgia da Palavra nas suas indicações concretas para a nossa vida acerca da forma como devemos viver esse tempo de espera?

A primeira leitura apresenta a essência de Deus como amor e misericórdia. Convida-nos a reconhecer que só Deus é fonte de salvação e de redenção. Por nós próprios, somos incapazes de superar essa rotina de indiferença, de egoísmo, de violência, de mentira, de injustiça que tantas vezes caracteriza a nossa caminhada pela vida. Resta-nos acolher o dom de Deus com humildade e com um coração agradecido.

A segunda leitura mostra como Deus Se torna presente na história e na vida de uma comunidade crente, através dos dons e carismas que gratuitamente derrama sobre o seu Povo. Sugere que nos mantenhamos atentos e vigilantes, a fim de acolhermos os dons de Deus.

O Evangelho convida-nos a enfrentar a história com coragem, determinação e esperança, animados pela certeza da vinda do Senhor. Ensina-nos ainda que esse tempo de espera deve ser um tempo de vigilância, um tempo de compromisso ativo e efetivo com a construção do Reino. Estar vigilante é estar sempre ativo, empenhado, comprometido na construção de um mundo de vida, de amor e de paz. É lutar de forma decidida e corajosa contra a mentira, o egoísmo, a injustiça, tudo aquilo que rouba a vida e a felicidade a qualquer irmão que caminhe ao nosso lado.

As indicações concretas da Palavra de Deus deste domingo são oportunas para um novo começo. Devido às nossas numerosas atividades, inclusive na Igreja, a nossa vigilância está muitas vezes ameaçada: falta-nos o tempo para parar, discernir, fazer novas escolhas em ordem a despertar a nossa adesão a Cristo.

O tempo do Advento oferece-nos esta oportunidade de um novo começo e de um renovado e intenso olhar para com aqueles que são os próximos da nossa vida, em tantas situações humanas que são de bradar aos céus e de gritar na terra. Em tempo de pandemia e de tantas dificuldades, não percamos a oportunidade de viver o Advento como autêntico tempo de graça para todos nós.

Manuel Barbosa, scj
[Agência Ecclesia – Antena 1]

Ano B - Domingo II - Marcos 1, 1-8

Princípio do Evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus.

Está escrito no profeta Isaías:

**«Vou enviar à tua frente o meu mensageiro,
que preparará o teu caminho.**

Uma voz clama no deserto:

‘Preparai o caminho do Senhor, endireitai as suas veredas’».

Apareceu João Baptista no deserto

a proclamar um batismo de penitência para remissão dos pecados.

Acorria a ele toda a gente da região da Judeia

e todos os habitantes de Jerusalém

e eram batizados por ele no rio Jordão,

confessando os seus pecados.

João vestia-se de pelos de camelo,

com um cinto de cabedal em volta dos rins,

e alimentava-se de gafanhotos e mel silvestre.

E, na sua pregação, dizia:

**«Vai chegar depois de mim quem é mais forte do que eu,
diante do qual eu não sou digno de me inclinar
para desatar as correias das suas sandálias.**

Eu batizo-vos na água, mas Ele batizar-vos-á no Espírito Santo».

- ♦ João Baptista afirma claramente que preparar a vinda do Messias passa pela “metanoia”, por uma transformação total do homem, por uma nova atitude de base, por uma outra escala de valores, por uma radical mudança de pensamento, por uma postura vital inteiramente nova, por um movimento radical que leve a pessoa a reequacionar a sua vida e a colocar Deus no centro da sua existência.

Neste tempo de Advento, trata-se de uma proposta com sentido: preparar a vinda de Jesus exige de nós uma transformação radical da nossa vida, dos nossos valores, da nossa mentalidade...

Em concreto, o que é que nos meus pensamentos, nos meus comportamentos, na minha mentalidade, nos valores que dirigem a minha vida, é egoísmo, orgulho e autossuficiência e impede o nascimento de Jesus no meu coração e na minha vida?

- ◆ Deus convida-nos à transformação e à mudança através desses profetas a quem Ele chama e a quem confia a missão de questionar o mundo e os homens.
 Estamos suficientemente atentos aos profetas que questionam o nosso estilo de vida e os nossos valores?
 Damos crédito às suas interpelações, ou consideramo-los figuras incomodativas, ultrapassadas e dispensáveis?
 E nós, constituídos profetas desde o Batismo, sentimo-nos enviados por Deus a interpelar e a questionar o mundo e os nossos irmãos?

- ◆ O “estilo de vida” de João constitui uma interpelação pelo menos tão forte como as suas palavras. É o testemunho vivo de um homem que está consciente das prioridades e não dá importância aos aspetos secundários da vida.
 A nossa vida também está marcada por valores, nos quais apostamos e à volta dos quais construímos a nossa existência...
 Quais são os valores fundamentais para mim, os valores que marcam as minhas decisões e opções?
 São valores importantes, decisivos, eternos, capazes de me dar vida e felicidade, ou são valores efémeros, particulares, egoístas e geradores de dependência e escravidão?
 Como nos situamos frente a valores e a um estilo de vida que contradiz, claramente, os valores do Evangelho?

- ◆ Ao acentuar o carácter decisivo e determinante do apelo de João, Marcos convida-nos a uma resposta objetiva, franca, clara e decidida. Não podem existir meias tintas ou tentativas de protelar a decisão...
 Estamos ou não dispostos a dizer “sim” aos apelos de Deus?
 Estamos ou não dispostos a aceitar a sua proposta de “metanoia”?
 Não chega dizer “talvez” ou “sim, mas...”. Deus espera uma resposta total, radical, decidida, inequívoca à oferta de salvação que Ele faz.
 Isso significa uma renúncia decidida ao nosso comodismo, à nossa preguiça, ao nosso egoísmo, à nossa autossuficiência e um embarcar decidido na aventura do Reino que Jesus veio propor aos homens...

Dar todo o espaço para Cristo

Na liturgia deste **SEGUNDO DOMINGO DO ADVENTO** há um forte apelo ao reencontro do homem com Deus, à conversão. Deus oferece-nos um mundo novo de liberdade, de justiça e de paz, mas esse mundo só se tornará realidade quando aceitarmos reformar o nosso coração, abrindo-o aos valores de Deus. É a mensagem do Evangelho, através da pregação de João Baptista.

João Baptista afirma claramente que preparar a vinda do Messias passa pela conversão, por uma transformação total, por uma nova atitude de base, por uma outra escala de valores, por uma radical mudança de pensamento, por uma postura vital inteiramente nova, por um movimento radical que leve a reequacionar a nossa vida e a colocar Deus no centro da nossa existência e dos nossos interesses.

Neste tempo de Advento, vivido como tempo próprio e como preparação para a celebração do Natal do Senhor, esta proposta tem pleno sentido.

Devemos questionar-nos, em concreto, o que é que nos nossos pensamentos, comportamentos, mentalidades e valores que dirigem a nossa vida é egoísmo, orgulho e autossuficiência, impedindo assim o nascimento de Jesus no nosso coração e na nossa vida.

Devemos questionar-nos se estamos suficientemente atentos aos profetas que provocam o nosso estilo de vida e os nossos valores, ou se os consideramos figuras incomodativas, ultrapassadas e dispensáveis, se nós, constituídos profetas desde o nosso batismo, nos sentimos enviados por Deus a interpelar e a questionar o mundo e os nossos irmãos.

À luz do estilo de vida de João Baptista, um estilo sóbrio, simples e centrado no essencial, vejamos se a nossa vida está marcada por valores nos quais apostamos e à volta dos quais construímos toda a nossa existência, por valores importantes, decisivos, eternos, capazes de nos darem vida e felicidade, ou se nos deixamos levar por valores efêmeros, particulares, egoístas e geradores de dependência e escravidão, assumindo um estilo de vida que contradiz claramente os valores do Evangelho.

Não chega dizer “talvez” ou “sim, mas...”. Deus espera uma resposta total, radical, decidida, inequívoca à sua oferta de salvação. Isso significa uma renúncia decidida ao nosso egoísmo e uma adesão decidida pela aventura do Reino que Jesus, há mais de dois mil anos, nos veio propor.

É urgente dar a Cristo todo o espaço nas nossas vidas: limpar o terreno, permitir que Ele nasça no íntimo da nossa vida. O Advento pode ser um tempo de desapropriação, para melhor encontrar Cristo. Ao longo desta segunda semana, procuremos libertar espaço do nosso ser para o Senhor. Só assim permitimos que Ele venha ao nosso coração.

Manuel Barbosa, scj
[Agência Ecclesia – Antena 1]

Ano B - Domingo III - João 1, 6-8-19-28

Apareceu um homem enviado por Deus, chamado João.
Veio como testemunha, para dar testemunho da luz,
a fim de que todos acreditassem por meio dele.
Ele não era a luz, mas veio para dar testemunho da luz.
Foi este o testemunho de João,
quando os judeus lhe enviaram, de Jerusalém,
sacerdotes e levitas, para lhe perguntarem: «Quem és tu?»
Ele confessou a verdade e não negou;
ele confessou: «Eu não sou o Messias».
Eles perguntaram-lhe: «Então, quem és tu? És Elias?»
«Não sou», respondeu ele.
«És o Profeta?». Ele respondeu: «Não».
Disseram-lhe então: «Quem és tu?»
Para podermos dar uma resposta àqueles que nos enviaram,
que dizes de ti mesmo?»
Ele declarou: «Eu sou a voz do que clama no deserto:
‘Endireitai o caminho do Senhor’, como disse o profeta Isaías».
Entre os enviados havia fariseus que lhe perguntaram:
«Então, porque baptizas,
se não és o Messias, nem Elias, nem o Profeta?»
João respondeu-lhes:
«Eu baptizo em água,
mas no meio de vós está Alguém que não conheceis:
Aquele que vem depois de mim,
a quem eu não sou digno de desatar a correia das sandálias».
Tudo isto se passou em Betânia, além Jordão,
onde João estava a baptizar.

- ♦ A “voz”, através da qual Deus fala, convida-nos a endireitar “o caminho do Senhor”. Na linguagem do Evangelho segundo João, é um convite a deixar “as trevas” e a nascer para “a luz”.

Implica abandonar a mentira, os comportamentos egoístas, as atitudes injustas, os gestos de violência, os preconceitos, a instalação, o comodismo, a autossuficiência, tudo o que desfeia a nossa vida, nos torna escravos e nos impede de chegar à verdadeira felicidade.

Em termos pessoais, quais são as mudanças que eu tenho de operar na minha existência para passar das “trevas” para a “luz”?

O que é que me escraviza e me impede de ser plenamente feliz?

O que gera desilusão, frustração, desencanto e sofrimento na minha vida?

- ♦ À nossa volta abundam os “vendedores de sonhos”, com propostas de felicidade “absolutamente garantida”. Atraem-nos, seduzem-nos, manipulam-nos, escravizam-nos, deixam-nos dececionados e infelizes, mais angustiados, perdidos e frustrados. João garante-nos: só Jesus é “a luz” que liberta os homens da escravidão e das trevas e lhes oferece a vida verdadeira e definitiva.

A quem dou ouvidos: às propostas de Jesus, ou às propostas dos que ditam o que está certo e está errado à luz dos critérios do mundo?

- ♦ Jesus marca, realmente, a minha existência? Os valores que Ele veio propor têm peso e impacto nas minhas decisões e opções? Quando celebro o nascimento de Jesus, celebro um acontecimento do passado que deixou a sua marca na história, ou celebro o encontro com alguém que é “a luz” que ilumina a minha existência e que enche a minha vida de paz, de alegria, de liberdade?

- ♦ O “homem chamado João”, enviado por Deus “para dar testemunho da luz”, convida-nos a pensar sobre a forma de Deus atuar na história humana e sobre as responsabilidades que Deus nos atribui na recriação do mundo...

A todos nós, seus filhos, Deus confia uma missão no mundo – a missão de dar testemunho da “luz” e de tornar presente, para os nossos irmãos, a proposta libertadora de Jesus.

Tenho consciência de que Deus me chama e me envia ao mundo? Como é que eu respondo ao chamamento de Deus: com disponibilidade e entrega, ou com preguiça, comodismo e instalação?

- ♦ A atitude de João, simples e discreta, que recorda na sombra as realidades importantes, é uma tremenda interpelação para todos aqueles a quem Deus chama e envia...

Com ele, o profeta deve aprender a ficar na sombra, a ser discreto e simples, de forma a que as pessoas não o vejam a ele mas às realidades importantes que ele propõe.

- ♦ A atitude dos fariseus e dos líderes judaicos, cheios de preconceitos, preocupados em manter os seus esquemas de poder e instalação, instalados no seu comodismo e nos seus privilégios, impede-os de “conhecer” “a luz” que está a chegar.

Trata-se de um aviso, para nós: quando nos instalamos no nosso comodismo, no nosso bem-estar, na nossa autossuficiência, fechamos o coração à novidade e aos desafios que Deus nos faz...

Dessa forma, não reconhecemos Jesus quando Ele vem ao nosso encontro e não O deixamos entrar na nossa vida.

A liturgia convida-nos, neste Advento, à desinstalação, a fim de que o Senhor que vem possa nascer na nossa vida.

Viver alegres na esperança

Os textos bíblicos deste **TERCEIRO DOMINGO DO ADVENTO** garantem-nos que Deus tem um projeto de salvação e de vida plena para nós, fazendo-nos passar das trevas à luz.

Na primeira leitura, um profeta ungido pelo Espírito anuncia um tempo novo, de vida plena e de felicidade sem fim, um tempo de salvação que Deus vai oferecer aos pobres.

Na segunda leitura, Paulo diz-nos qual a atitude que é preciso assumir enquanto se espera o Senhor que vem. O convite é bem concreto para todos nós: vivei sempre alegres, orai sem cessar, dai graças em todas as circunstâncias, não apagueis o Espírito, não desprezeis os dons proféticos, conservai tudo o que for bom, afastai-vos de toda a espécie de mal, acolhei o Deus da paz que vos santifica totalmente. Um programa de vida bem intenso.

O Evangelho apresenta-nos João Baptista, a voz que prepara os homens para acolher Jesus, a luz do mundo. Que significa isso para nós?

Implica abandonar a mentira, os comportamentos egoístas, as atitudes injustas, os gestos de violência, os preconceitos, a instalação, o comodismo, a autossuficiência, tudo o que desfeia a nossa vida, nos torna escravos e nos impede de chegar à verdadeira felicidade.

Implica olhar para Jesus, pois só Ele é a luz e só Ele tem uma proposta de vida verdadeira para nos apresentar. À nossa volta abundam propostas de felicidade que nos seduzem, manipulam e nos deixam infelizes. Só Jesus é a luz que nos pode libertar da escravidão e das trevas e nos oferecer a vida verdadeira e definitiva.

Implica pensarmos sobre a forma de Deus atuar na história humana e sobre as responsabilidades que Deus nos atribui na recriação do mundo. Deus não utiliza métodos espetaculares e assombrosos para intervir na nossa história e para recriar o mundo. Ele vem ao nosso encontro para nos envolver no seu amor através de pessoas concretas, com um nome e uma história, pessoas normais a quem Deus chama e a quem confia determinada missão. A todos nós, seus filhos, Deus confia uma missão no mundo: dar testemunho da luz e tornar presente, para os nossos irmãos, a proposta libertadora de Jesus.

Levemos a Palavra para o coração do nosso cotidiano, em esperança e alegria. O nosso olhar sobre os outros e sobre o mundo deve continuar a ser transformado nesta terceira semana de Advento: passar da contestação à bondade, procurar ter uma expressão de sorriso em cada encontro, saudar o outro como um irmão que Deus ama e desejar-lhe todo o bem que Deus quer para ele. A alegria cristã não está ao nível de um otimismo simplista, mas coloca a esperança, possível e credível pela Palavra feita carne, no coração da vida quotidiana.

Manuel Barbosa, scj
[Agência Ecclesia – Antena 1]

Ano B - Domingo IV - Lucas 1, 26-38

Naquele tempo,
o Anjo Gabriel foi enviado por Deus
a uma cidade da Galileia chamada Nazaré,
a uma Virgem desposada com um homem chamado José.
O nome da Virgem era Maria.
Tendo entrado onde ela estava, disse o Anjo:
«Ave, cheia de graça, o Senhor está contigo;
bendita és tu entre as mulheres».
Ela ficou perturbada com estas palavras
e pensava que saudação seria aquela.
Disse-lhe o Anjo: «Não temas, Maria,
porque encontraste graça diante de Deus.
Conceberás e darás à luz um Filho,
a quem porás o nome de Jesus.
Ele será grande e chamar-Se-á Filho do Altíssimo.
O Senhor Deus Lhe dará o trono de seu pai David;
e o seu reinado não terá fim».
Maria disse ao Anjo:
«Como será isto, se eu não conheço homem?»
O Anjo respondeu-lhe:
«O Espírito Santo virá sobre ti
e a força do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra.
Por isso o Santo que vai nascer será chamado Filho de Deus.
E a tua parenta Isabel concebeu também um filho na sua velhice
porque a Deus nada é impossível».
Maria disse então:
«Eis a escrava do Senhor;
faça-se em mim segundo a tua palavra».

- ◆ Deus ama os homens e tem um projecto de vida plena para lhes oferecer. Como é que esse Deus cheio de amor pelos seus filhos intervém na história humana e concretiza, dia a dia, essa oferta de salvação?

A história de Maria de Nazaré responde, de forma clara, a esta questão: é através de homens e mulheres atentos aos projetos de Deus e de coração disponível para o serviço dos irmãos, que Deus atua no mundo, que Ele manifesta aos homens o seu amor, que Ele convida cada pessoa a percorrer os caminhos da felicidade e da realização plena.

Já pensámos que é através dos nossos gestos de amor, de partilha e de serviço que Deus Se torna presente no mundo e transforma o mundo?

- ◆ Neste domingo que precede o Natal de Jesus, a história de Maria mostra como é possível fazer Jesus nascer no mundo: através de um “sim” incondicional aos projetos de Deus.

É preciso que, através dos nossos “sins” de cada instante, da nossa disponibilidade e entrega, Jesus possa vir ao mundo e oferecer aos nossos irmãos – particularmente aos pobres, aos humildes, aos infelizes, aos marginalizados – a salvação e a vida de Deus.

- ◆ Outra questão é a dos instrumentos de que Deus se serve para realizar os seus planos...

Maria era uma jovem mulher de uma aldeia obscura dessa “Galileia dos pagãos” de onde não podia “vir nada de bom”. Não consta que tivesse uma significativa preparação intelectual, extraordinários conhecimentos teológicos, ou amigos poderosos nos círculos de poder e de influência da Palestina de então... Apesar disso, foi escolhida por Deus para desempenhar um papel primordial na etapa mais significativa na história da salvação.

A história vocacional de Maria deixa claro que, na perspetiva de Deus, não são o poder, a riqueza, a importância ou a visibilidade social que determinam a capacidade para levar a cabo uma missão.

Deus age através de homens e mulheres, independentemente das suas qualidades humanas. O que é decisivo é a disponibilidade e o amor com que se acolhem e testemunham as propostas de Deus.

- ◆ Diante dos apelos de Deus ao compromisso, qual deve ser a nossa resposta? É aí que somos colocados diante do exemplo de Maria... Na atitude de Maria há uma entrega total nas mãos de Deus e um acolhimento radical dos caminhos de Deus.

O testemunho de Maria é um testemunho que nos interpela fortemente...

Que atitude assumimos diante dos projetos de Deus: acolhemo-los sem reservas, com amor e disponibilidade, numa atitude de entrega total a Deus, ou assumimos uma atitude egoísta de defesa intransigente dos nossos projetos pessoais e dos nossos interesses egoístas?

- ◆ É possível alguém entregar-se tão cegamente a Deus, sem reservas, sem medir os prós e os contras? Como é que se chega a esta confiança incondicional em Deus e nos seus projetos?

Naturalmente, não se chega a esta confiança cega em Deus e nos seus planos sem uma vida de diálogo, de comunhão, de intimidade com Deus.

Maria de Nazaré foi, certamente, uma mulher para quem Deus ocupava o primeiro lugar e era a prioridade fundamental.

Maria de Nazaré foi, certamente, uma pessoa de oração e de fé, que fez a experiência do encontro com Deus e aprendeu a confiar totalmente n'Ele.

No meio da agitação de todos os dias, encontro tempo e disponibilidade para ouvir Deus, para viver em comunhão com Ele, para tentar perceber os seus sinais nas indicações que Ele me dá dia a dia?

Como Maria, dizer sim à ternura de Deus

A liturgia do **QUARTO E ÚLTIMO DOMINGO DO ADVENTO** refere-se repetidamente ao projeto de vida plena e de salvação definitiva que Deus tem para nos oferecer.

A primeira leitura apresenta a promessa de Deus a David, pela boca do profeta Natã. Deus nunca abandonará o seu Povo nem desistirá de o conduzir ao encontro da felicidade e da realização plenas. Essa promessa irá concretizar-se num filho de David, através do qual Deus oferecerá ao seu Povo a estabilidade, a segurança, a paz, a abundância, a fecundidade, a felicidade sem fim.

A segunda leitura chama mistério a esse projeto de salvação, preparado por Deus desde sempre, que se manifesta plenamente em Jesus e nos integra na família de Deus.

O Evangelho refere-se ao momento em que Jesus encarna na história da humanidade, através do sim de Maria, a fim de nos trazer a salvação e a vida definitivas.

A história de Maria de Nazaré mostra-nos como é possível fazer Jesus nascer no mundo: através de um sim incondicional aos projetos de Deus. É preciso que, através dos nossos sins de cada instante, da nossa disponibilidade e entrega, Jesus possa vir ao mundo e oferecer a salvação e a vida de Deus aos nossos irmãos, particularmente aos pobres, aos humildes, aos infelizes, aos marginalizados.

A exemplo de Maria, qual deve ser o nosso compromisso aos projetos de Deus: acolhemo-los sem reservas, com amor e

disponibilidade, numa atitude de entrega total a Deus, ou assumimos uma atitude egoísta de defesa intransigente dos nossos projetos pessoais e dos nossos interesses egoístas?

Como é que se chega à confiança incondicional em Deus e nos seus projetos? Naturalmente só com uma vida de diálogo, de comunhão, de intimidade com Deus.

No meio da agitação de todos os dias, devemos encontrar tempo e disponibilidade para ouvir Deus, para viver em comunhão com Ele, para tentar perceber os seus sinais nas indicações que Ele nos dá dia a dia.

Maria de Nazaré foi uma mulher de fé para quem Deus ocupava o primeiro lugar e era a prioridade fundamental. Maria ajuda-nos a dar o salto da fé, ela é o nosso modelo, ao mesmo tempo é nossa Mãe.

Já quase a chegar ao Natal, procuremos, com Maria, tomar uma decisão que comprometa a nossa fé, de encontrar um ritmo mais regular para a oração, de prever uma paragem espiritual, talvez um tempo de retiro, por breve que seja, para fazer o ponto da situação da nossa vida com o Senhor.

Como Maria, renovemos a nossa confiança em Deus, que nasce em Jesus. Como nos diz o Papa Francisco, olhemos para Maria como «aquela que sabe transformar um curral de animais na casa de Jesus, com uns pobres paninhos e uma montanha de ternura».

Manuel Barbosa, scj
[Agência Ecclesia – Antena 1]